

Viáfora chega enfim ao Canecão

Divulgação

SILVIO ESSINGER

Do Rio viestes, ao Rio voltarás. A estréia profissional de Celso Viáfora, quem diria, aconteceu aqui, em 1979, em show dividido com a cantora Fabíola, no Seis e Meia da Funarte. Vinte anos depois, ele enfim galga os degraus do Canecão e sobe ao mesmo palco (em show único, às 21h30) onde viu alguns de seus maiores ídolos. É uma emoção que o paulistano, cauteloso, tenta traduzir em metáforas: "Te deram a camisa nove num clássico. O que você faz? Vai lá e joga, depois vê o que acontece." Acompanhado por Arismar do Espírito Santo (baixo), Proveta (sopros), Guelo e Théo da Cúca (percussões) e Eduardo Ribeiro (bateria), Viáfora aproveita a primeira chance de uma grande exposição na cidade para comemorar o melhor momento de sua carreira até hoje. Este ano, além de ter lançado seu primeiro disco por um grande selo, Ney Matogrosso fez da música *A cara do Brasil* um dos destaques do seu disco, *Olhos de farol*.

A trajetória, por incontáveis festivais e shows no interior do Brasil, foi lenta, mas esteve longe de desanimar este cantor, compositor, violonista e arranjador: "Quando você tem a coisa da música não consegue fugir. Você ganha pouco, mas economiza bastante no analista (risos). É uma forma de se



Celso Viáfora mostra no Canecão músicas de seu último CD

manter vivo." Um problema de *timing*, acredita Viáfora, retardou tanto o seu reconhecimento e o de toda uma geração de cantores e compositores brasileiros: "Acabei surgindo em uma época que coincide com a transferência, na TV, de seu produto principal, que era a música, para a teledramaturgia. Antes, os músicos surgiam com a mesma rapidez que hoje aparecem os atores e faziam excursões pelo Nordeste com o respaldo da TV."

Contente com o bom momento do samba, que é o substrato de seu trabalho ("É um

dos poucos gêneros com artistas alcançando sucesso de público e também de crítica."), Celso diz acreditar na recuperação do espaço na mídia para a música brasileira de qualidade. Para exemplificar, ele lembra de quando *Luísa*, de Tom Jobim, foi tema de abertura da novela *Brilhante* e sua empregada, que passava o dia ouvindo o programa de rádio do Zé Bétio, sabia assoviar a canção inteira. "Você pode ter uma obra mais densa e menos monocórdica na TV que o povo vai curtir. É impossível que ele tenha involuído!"